



Ética, política e informação: uma reflexão conceitual sobre sociedade e comportamento (Ethics, politics, and information: a conceptual reflection on society and behaviour)

Vitor Serejo Ferreira Batista

DOI: <https://doi.org/10.47989/ir30iConf47590>

Abstract

Introduction. Considering the changes that have occurred in society, from an ethical and political perspective linked to the informational aspects of production, processing, and mediation of information, we propose as our objective a conceptual reflection on society and its behavior.

Method. Our methodology consists of analysing the concepts linked to society, considered as a matter of critical reflection on the way in which social conduct has been presenting changes in relation to its ethical purpose.

Analysis. To this end, we ask ourselves how the use of technological devices, as well as social media, such as the internet and other networks, influence this behavior. Along with this, we point to types of knowledge production that we see emerging in research on Brazilian society, as a debate counter-productive to the legacy of colonialism, based on the notion of popular wisdom.

Results. Our results are based on the hypothesis that, from the knowledge society onwards, our goal is no longer to control information as before, as was the case with the other types of society mentioned, but rather to produce information using these instruments as a source for new information, not necessarily true, fueling a post-truth society that is often not aligned with the values stipulated by the State.

Conclusion. We conclude that the findings of the researchers cited throughout the work are relevant, as a valid proposal for an ethical sense for the treatment of information in Brazil. Thus, the means presented by researchers such as Rufino (2023) and Simas (2024) contribute to a popular and Brazilian notion of an ethical vision of information.

Introdução

Este trabalho se baseia na experiência prestada pelo autor, ainda na primeira metade do ano de 2024, em ocasião de ministrar disciplina de graduação no Departamento de Informação, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, Rio de Janeiro. No devido momento, a disciplina *Ética e Informação* lhe foi oferecida a partir de uma perspectiva epistemológica pautada na história de elementos éticos ligados à informação, com cunho de elementos presentes nas experiências europeias de reflexão filosófica sobre o comportamento da sociedade.

Ao partir de uma explanação sobre a ética, tendo como base o modelo clássico grego aristotélico, perpassando pelo afastamento da ética da política no renascimento, a aproximação da moral kantiana e os desdobramentos dos modelos éticos ligados à burocracia weberiana e de responsabilidade investigada por Arendt, o questionamento feito na disciplina se fez: quais modelos éticos que hoje nos são apresentados e desenvolvidos no Brasil? Seguimos ainda esse tipo de perspectiva europeia que estudamos?

O intuito destas perguntas, portanto, se baseiam nos resultados obtidos desta reflexão, junto aos alunos da disciplina, sobre a existência de um papel da sociedade brasileira sobre a ética, tendo como ponto de partida a reflexão acerca de alguns fenômenos ligados ao conceito de sociedade, aqui em específico: sociedade do controle, sociedade de informação e sociedade do conhecimento.

Para nossa reflexão neste trabalho, trabalhamos com a análise de conceitos ligados ao campo da informação, entre eles os citados: sociedade de vigilância, sociedade de controle, sociedade da informação e sociedade do conhecimento. Além da proposta deste debate conceitual, também fazemos uso de uma metodologia qualitativa, tendo como método uma revisão bibliográfica sobre estes conceitos, assim como de obras que surgem como propostas de exposição sobre esse saber popular, muito dele provindo das experiências da diáspora.

Compreendemos o saber popular como o conhecimento que emana do povo, de forma a se encontrar nas suas repetições ou nas ações do povo, como rituais de tradição religiosa, tipos de comida e costumes característicos de uma região em específico. Esse tipo de costume, apresentado por Edison Carneiro em *A sabedoria popular* (2008), é uma fonte de possibilidade para a compreensão do ser no Brasil que antes era conhecido como um ser escravizado.

Sobre os conceitos de sociedade

É curioso pensarmos que uma sociedade se forma por conta da maneira como ela se interage, cria hábitos e costumes, valores e crenças. Todos estes apetrechos citados são movidos e formados por duas vertentes fundamentais: comunicação e informação. Saber comunicar ou como comunicar, fazer uso dos veículos adequados e oportunos é quase uma arte, um jogo de palavras propícias, macete escolhido pelo emissor para com o seu receptor, ou locutor com o interlocutor. No caso da informação, a mensagem é um dilema. Isso porque, segundo Capurro (2007), podemos considerar a informação como um elemento fundamental das sociedades contemporâneas, principalmente a partir da segunda guerra mundial.

A partir desta potência dada à informação, podemos pensar que sua mediação, assim como seu controle, leva a uma formação de sociedade específica, pautada por alguns e difundida para muitos, os quais muitas das vezes não sabem ou não podem mudá-la. Essa afirmação, um tanto romântica e com tons revolucionários não é à toa, mas não procura no leitor um grito de guerra ou revolta. Faz parte da construção social em que se dá uma sociedade que busca nos valores morais e de controle um modelo próprio, porém nada original.

Dito isso, numa perspectiva geral e histórica, podemos compreender o conceito de sociedade como uma estrutura composta pelas instituições e os tipos de relação social presentes em uma comunidade. Proveniente das pessoas que ali se apresentam, tal como os modos de operação social

como interagem entre si, a sociedade tem por si uma espécie de hierarquização social, tendendo a ser dividida. Esse tipo de divisão não só possibilita uma desigualdade entre as pessoas e os grupos que ali estão, como também acena para uma distribuição de valores e regras que a compõem.

Nessa reflexão acerca destes valores sociais que ali estão, se apresenta a ética, como um modo de pensamento que propõe o debate sobre estes costumes limitados por um período de tempo, questões culturais e outros adventos que possam remeter a ideia de moral. O controle das ações e a padronização sobre a ideia de moral, ainda mais aproximada da Ética kantiana (Marcondes, 2005.), em meados do século XVIII, fez com que parte desta sociedade, assim como suas instituições, códigos e dispositivos legais, se tornassem grupos ligados a um poder.

O poder, de maneira geral, possibilita com que uma sociedade seja governada ou se mantenha de forma conservada aos membros que ali se detém no poder. Sendo assim, estabelecer meios de exercer esse tipo de manutenção se fizeram notáveis ao longo dos anos, aqui em particular do século XX. Entre esses meios, destacamos o surgimento das sociedades de controle e vigilância (Deleuze, 1992).

O que antes se fazia perceber em uma sociedade pautada pela disciplina, através de aparelhos ideológicos do Estado (Althusser, 1967), percebemos como um controle destes aparelhos sobre o sujeito que ali se fazia como um ser móvel na sociedade. Sua mobilidade, no entanto, se fazia dentro de uma esfera restrita de atuação, tendo como pauta maior os ambientes característicos de controle social: escola, igreja, família, etc. Até mesmo as rodas de amigos poderiam ser vistos como tal espaço de controle, uma vez que os atos das pessoas se mantinham num mesmo padrão. Cenário um tanto distópico em termos literários, esse tipo de modelo social só se intensificou com o avanço tecnológico, principalmente num cenário eletrônico. Câmeras de vigilância, substitutas dos olhos de uma supervisão humana, podem ser um excelente molde figurativo de uma sociedade de vigilância, bem aos moldes foucaultianos do panóptico desenvolvido por Bentham, ainda no século XIX.

Se pensarmos em modelos mais contemporâneos, esse tipo de fenômeno se dá no controle de dados ou na vigilância de imagens produzidas como desempenho de ostentação nas redes sociais, seja por questões psicológicas ligadas à necessidade de exposição do eu, ou mesmo pela demonstração em registro da experiência. Zuboff (2021), por exemplo, nos demonstra como a figura do sujeito cliente para com a sociedade, ou com quem a controla, expõe as nuances de um capitalismo de vigilância contemporâneo. Os dados, hoje em dia, como a mesma nos lembra em sua obra, são tão valiosos quanto o petróleo em outras épocas.

Da mesma forma, Beiguelman (2021) nos demonstra como a questão dos status como modo de experiência digital, porém um tanto social por razão das redes, produz reflexões na comunicação, nas relações afetivas, assim como nas estruturas de produção documental. Esse tipo de resultados nos aponta para uma mudança estética de vigilância, que não se ocupa somente das faces nas redes, mas se expande em outros ambientes pela cidade, como em ambientes de espetáculos sonoros, tais concertos de música, jogos esportivos, até mesmo festas de rua, como nas festas de final de ano no Rio de Janeiro e no Carnaval.

No sentido mais próximo de reflexões como as de Debord (1973), parecer é um elemento fundamental em uma sociedade que tem a necessidade em se mostrar, mesmo que essa amostra pessoal seja por meio de uma experiência incompleta, talvez mais próxima de uma pobreza, como nos chama atenção Benjamin (1994). Essa ausência de uma essência das atividades, por assim dizer, pode ser compreendida num ambiente em que não compreendemos um porquê em fazer, mas fazemos porque temos de fazer. Em outras palavras, um condicionamento. Em uma sociedade que vivenciou uma experiência colonial e à nega como história, isso se torna curioso por abraçar mais

a experiência do colonizador do que a do colonizado, de se parecer mais com o outro do que se reconhecer como é.

Reflexões acerca da tecnologia e da sabedoria popular

As questões ligadas ao desenvolvimento das tecnologias são, de certo modo, um tanto interessantes no que diz respeito à compreensão do que seria a tecnologia. Hoje em dia, muito assimilada à idéia dos meios digitais e eletrônicos, a tecnologia nada mais é do que uma habilidade aplicada para se desenvolver um modo de fazer algo, um conjunto de processos para se chegar ao objetivo de se saber fazer. Estas formas de aprimoramento do forma em se fazer algo, essa técnica específica, é o que compreendemos por tecnologia (Aulete, 2011.).

O uso de dispositivos eletrônicos, assim como o de programas desenvolvidos para um desenvolvimento de comunicação e integração social em ambiente virtual, se propagou em princípios do século XXI, se tornando um símbolo interessante do futuro desse início de novo século. Através de um recorte de tempo, principalmente no período pandêmico de 2020 em diante, fizemos destes dispositivos um instrumento diário e, praticamente, indispensável na forma de se manter visto.

Sobre a questão do dispositivo, gostaríamos de propor uma breve reflexão sobre o termo, a partir da noção trazida por Agamben (2005), na qual o autor nos apresenta a hipótese que "a palavra "dispositivo" [...] seja um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault" (Agamben, 2005, p. 9). Esse pensamento de Foucault, citado por Agamben, faz referência a noção foucaultiana de dispositivo de poder, a qual nos desdobramos agora. Segundo o filósofo italiano, são três as possibilidades de atuação, sendo elas:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve em uma relação de poder;
- 3) É algo geral (uma rede) porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico (Agamben, 2005, p. 9-10).

Nesse ponto, o que fazemos é uma aproximação deste dispositivo mencionado por Agamben, e que remete a Foucault, para o dispositivo eletrônico, tal como as redes sociais, e porque não os aparelhos usados de suporte para esses programas e redes, para debater sobre essa estratégia prevista pelo filósofo italiano. O que podemos perceber é que em meio a um discurso de comunidade e felicidade das redes, o que também temos são milhares de postagens, que remetem a outro número avassalador de informações, com o intuito de promover entre seus usuários uma finalidade de comunicação e visualidade pessoal.

Quando pensamos na questão de "ser visto", como forma de existência, podemos perceber como que a necessidade em se expor, assim como a maneira como nos expomos para ser um dilema para muitos, por conta de sua maneira de lidar com a tecnologia em maior destaque. As redes sociais também se tornaram um chamariz de nos percebermos enquanto pessoas, de forma que muitas pessoas, ao se ausentar das redes, parecem estar se ausentando da vida pública, ou de uma esfera de sociabilidade.

Pensar isso como uma verdade é no mínimo questionável. Mas descartar essa reflexão é no entanto uma falha, no sentido de compreendermos a força pungente por trás das redes sociais. E não só isso, o uso de inteligência artificial, tal como a deepfake e outras formas de produção de conteúdo - muitas das vezes vinculado ao uso da imagem como recurso de informação - vem se tornando algo a ser não só observado, mas estudado.

Este trabalho não vai se debruçar nessas questões tecnológicas, mas nas repercussões que estas vêm causando na sociedade, principalmente na experiência brasileira.

Simas (2024), em sua obra *Umbandas: uma história do Brasil*, nos alerta para esse fenômeno, assim como o resultado de uma experiência brasileira voltado para uma questão cultural que se fortalece ao longo dos anos, da seguinte forma:

Em tempos cada vez mais marcados por relações mediadas por redes sociais online, capazes de conectar pessoas ou instituições que a princípio partilham interesses, práticas e objetivos comuns, é impressionante a quantidade de conteúdo vinculado às umbandas: giras, consultas e até entrevistas com entidades veiculadas no YouTube, fotos compartilhadas com textos no Instagram, postagens no Facebook, fios no Twitter, vídeos curtos no TikTok, pipocam em grande profusão nas redes (Simas, 2024, p.7)

O que podemos perceber na afirmação do professor Simas é a de que as redes sociais são um, se não o melhor veículo comunicativo da nossa era, de forma que difunde temas dos mais variados, e por que não dizer, de importante reflexão a nível nacional, como é o caso da Umbanda no Brasil. Não estamos aqui propondo uma divulgação ou explanação de cunho religioso. Mas o que propomos é uma reflexão a partir de um tipo de pensamento que se forma nesta prática vinculada à uma herança diaspórica africana e que se encontra no Brasil numa encruzilhada de possibilidades.

Ainda sobre isso, o que gostaríamos de pensar aqui não é necessariamente o conteúdo imagético exposto nas redes sociais, mas o fenômeno provocado por elas no quesito difusão desta informação. O papel que antes parecia ser de instituições tais como os arquivos, as bibliotecas, museus e centros de memória, hoje já superou a televisão como veículo de maior alcance, e tem nas redes sociais e na internet seu maior difusor.

Dito isso, em contraponto a produção imagética esplanada, gostaríamos de refletir sobre a necessidade de se formar imagens que não necessariamente são verdade, ou seja, um rompimento para com o que é; um foco para o que parece ou poderia ser. Nesse quesito, o uso das imagens como uma crença na verdade, ou a possibilidade de confirmação de algo em que se pode crer, é o que nos parece mais necessário nesta crítica. Então, por que dependemos tanto das imagens como de um recurso informacional válido?

Assim como o uso da imaginação tecnológica e digital é de grande efeito em nosso tempo, o que propomos aqui é a observação de um recurso tecnológico analógico que, por muitos, parece esquecido: o gesto da tradição das ações, a partir do uso cotidiano de falas, danças, cantos, quaisquer sejam as ações, de forma a transmitir esse recurso como uma sabedoria popular.

A sabedoria popular, enquanto uma forma de produção do conhecimento, capaz de ser coletada, organizada e tratada, é um recurso interessante para os estudos em organização do conhecimento, uma vez que traz consigo uma potencial metodologia popular, a partir de uma série de técnicas e maneiras de fazer, as quais compõem esses saberes como um jeito particular de um pensamento, uma potencial ciência. Na verdade, esse tipo de ação nos parece mais com uma proposta decolonial do conhecimento, com o objetivo de deixar transparecer ações éticas e propostas epistemológicas

de culturas oprimidas, e que no entanto, vem praticando estratégias de troca de informação e afirmação de saberes por meio de publicações físicas editoriais e, como já mencionamos, difusão via redes sociais. Sobre esse processo de descolonização do conhecimento, Garcez e Sales (2021) nos afirmam que:

A descolonização do conhecimento está presente em diversas abordagens que se colocam contra as perspectivas hegemônicas de produção do conhecimento. Quando nos voltamos para os saberes que se colocam como contracoloniais ou decoloniais, podemos pensar, por exemplo, nas perspectivas oriundas de mulheres, pessoas de origem latina, africana, indígena, ameríndia ou ribeirinha (Garcez; Sales, 2021, p. 7).

Ao pensarmos isso, gostaríamos de expor algumas destas sabedorias populares, as quais nos parecem ser poderosos agentes de mudança na forma como a sociedade se comprehende como tal, a ponto de se afirmar mais como um fruto de seu meio do que um reflexo de um processo colonial, a qual provocou na mesma tempos de controle e exploração.

O ser em ginga: Meios de reflexão sobre a informação

Primeiramente, esse conceito, trazido por Rufino (2023) remete a ideia do jogo de corpo, como uma analogia à capoeira, uma relação do corpo que opera em frente dupla, ora em defesa, ora em ataque. Esse movimento provocado na reflexão de Rufino nos faz pensar na construção ética desse conceito, no sentido de provocar um equilíbrio de forças na sociedade.

Para falarmos em sabedorias populares, como as já mencionadas ética da ginga e a ética indígena, precisamos falar em sociedade da informação e do conhecimento. Da mesma forma, precisamos diferenciar um conceito do outro. A sociedade da informação é um fenômeno que surge no século XX, mas que pode ser compreendido graças aos avanços científicos do século XIX, principalmente nas esferas de levantamento de informações sobre o mundo, Nesse sentido, Paul Otlet pode ser considerado um agente valioso nesse aspecto, uma vez que foi quem procurou desempenhar um papel de mapear o mundo (Juvêncio, 2021). Tal estruturação visada por Otlet, porém, compreendia um mundo que se limitava aos interesses europeus.

Percebendo isso, classificar uma sociedade como "da informação", é no mínimo arbitrário, uma vez que você delimita os atores que ali se inserem nesta sociedade, neste grupo global. Em outras palavras, mesmo que outros países sejam trazidos para esse debate, eles mais parecem marionetes periféricos dos outros, comandantes da festa. Tendo isso em mente, Mattelart (2006), nos alerta sobre o seguinte cenário:

Na produção do imaginário em torno desse futuro balizado, a tecnologia e o discurso de acompanhamento que a serve ocupam uma posição decisiva e singular. O mesmo vale para as apologias da "sociedade da informação", promovida a paradigma dominante da mudança e caução de um mundo "mais solidário, transparente, livre, igualitário". Ora, a sociedade prometida atribuída à nova matéria-prima imaterial só evidencia seu sentido em uma configuração geopolítica (Mattelart, 2006, p. 7).

Num sentido mais interessante, porém também questionável, o surgimento da sociedade de conhecimento possibilita alternativas interessantes sobre essa mudança de cenário globalizado, promovida pela sociedade da informação. O conhecimento, segundo Lyotard (2021), se apresenta como uma das principais forças de produção nos últimos tempos, seja em questões científicas, de trabalho ou questões pessoais. Numa possibilidade de compreensão mesmo pós-moderna, o enriquecer do conhecimento, assim como seu controle, é um mecanismo interessante, uma vez que abre brechas para outros conhecimentos que até agora pareciam não avistados.

Para Mattelart (2005), esse conhecimento nos é apresentado, principalmente, por meio da documentação produzida. A ideia de documentação é objeto de reflexão mesmo em tempos de Otlet, seja pelo Tratado da Documentação (2018), seja por meio das contribuições de Suzanne Briet (2016) ainda nos anos de 1950. A forma como o documento se torna um elemento de validade histórica, seja em âmbito da memória ou recurso jurídico, faz com que possamos pensar nele, o documento, como um objeto válido na construção de cum conhecimento. É aí que nos perguntamos: mas quem produz esse documento? O discurso produzido pelo documento é ponto fundamental para compreendê-lo. Exatamente nesse quesito é que gostaríamos de pensar na ideia de *sabedorias de fresta*, numa forma de entrelinhas do que se pode considerar oficial por uma linha de cultura, e inserir outros tipos de conhecimento no debate. Rufino (2019) nos aponta as *sabedorias de fresta* como "Mandinga, incorporação, ginga, negaça, transe, rolê, efó, amarração, feitiço, terreiro, esquiva, drible [...] marcas que tecem esse inventário assente nos limites do corpo" (Rufino, 2019, p. 68).

Apesar de mencionarmos a questão da sociedade nesse trabalho, no intuito de adentrarmos um território mais específico do pensamento aqui proposto, utilizamos o conceito de campo, de Bourdieu, mais específico o conceito de campo social que o mesmo apresenta. Na composição de campo para Bourdieu (2008), um campo pode se apresentar de maneiras diferentes, como metáforas que fazem analogia a questões ligadas, por exemplo, a um jogo. Aqui não compreendemos o jogo como uma partida ou uma disputa esportiva, na qual temos alguém contra alguém. Mas sim uma sugestão de agentes que ocupam espaços de forma limitada. Esses agentes seriam, por exemplo, pessoas e instituições.

O que gostaríamos de pensar aqui é num sentido de jogo de equilíbrio, um jogo de capoeira, na qual o campo se converte em uma espécie de roda e os agentes que estão presentes jogam, no sentido de não provocar o desequilíbrio do jogo, ou seja, seu término. Essa ação é possível graças ao movimento que se dá na roda. O movimento do corpo, o canto, a dança, ou seja, as técnicas que envolvem o jogo. Esse movimento, potência para um equilíbrio, atua como um *meio justo*, quase como um pensamento aristotélico sobre a ética. Segundo Rufino (2023), podemos entender esse processo de uma forma educacional, como fundamento corporal e prática mandingueira. Diz o seguinte:

Os discípulos de Aristóteles ficaram conhecidos como peripatéticos. A palavra, que no grego compreende a noção de itinerante ou ambulante, fazia menção à maneira como o filósofo ensinava caminhando ao ar livre. A apostila da educação aristotélica tinha alguns princípios, um deles destaca a defesa de que a principal função da educação seria conduzir as pessoas à felicidade. A palavra condução como traço de uma aprendizagem itinerante e o processo educativo como parte de um contínuo movimento que demanda corpo enredam o que ficou famoso na relação entre o filósofo e seus discípulos, as múltiplas formas de educar presentes em outras culturas (Rufino, 2023, p. 78).

Perceber a educação aristotélica aproximada ao tipo de reflexão trazido por Rufino, nos faz debater sobre a felicidade como objetivo fim da reflexão ética, trazida pelo grego em sua obra *Ética à Nicômaco* (1991). Ao trazer para a ideia de virtude como a ação que possibilita uma visão ética sobre as coisas, Aristóteles propõe esse meio justo, um equilíbrio sobre as decisões. Esse mesmo tipo de ação pode ser reconhecida nas rodas de capoeira como a possibilidade em deixar visível o movimento da roda, que tem justificativa porque gira, e não porque para. Assim, proporciona o movimento, o canto, a dança, ou seja, os elementos da tradição da capoeira. É um pensamento, um conhecimento, um jogo.

Nesse mesmo pensamento, Rosa (2013) nos apresenta o conceito de Pedagoginga, como um tipo de compreensão educativa através da ginga, da estética da ginga. Diz o pensador mineiro o seguinte:

a miragem da Pedagoginga é firmar no fortalecimento de um movimento social educativo que conjugue o que é simbólico e o que é pra encher a barriga, o que é estético e político em uma proposta de formação e de autonomia, que se encoraje a pensar vigas e detalhes de nossas memórias, tradições, desejos [...] (Rosa, 2013, p. 15).

Esse campo, tal como uma roda, tem determinado espaço de atuação e que seus agentes interagem e compõem essa estrutura. A roda se torna um espaço de educação, que gira na busca pelo conhecimento do equilíbrio, da continuidade da ação. Mas apesar disso, Sodré (1988) nos alerta sobre esse conhecimento que se estabelece:

o mestre capoeirista negro não *ensina* a seu discípulo – pelo menos de maneira como a pedagogia ocidental entende o verbo *ensinar*, ou seja, o mestre não verbaliza nem conceitua o seu saber para doá-lo metódicamente ao aluno. Também não interroga, nem decifra. Ele *inicia*: cria as condições de aprendizagem, (forman-do a roda de capoeira) e assiste a elas. É um processo sem qualquer intelectualização, em que se busca um reflexo corporal comandado, não pelo cérebro, mas por algo *indeterminado* resultante dessa *inicia-ção* do corpo (Sodré, 1988, p. 212).

Esse algo indeterminado, mencionado por Sodré, vem pela experiência na roda, na mandinga mencionada por Rufino (2023), mas principalmente na construção da ação no vazio, ou seja, na ausência deixada pelo colonialismo, num sentido de apagamento da memória, da tentativa de esquecimento das coisas (Pollak, 1989). Apenas pelo ato de repetição, de afirmação do que se experimenta é que poderíamos ter uma noção de realidade, numa espécie de afirmação racional. Simas (2021) expõe o pensamento de que o Brasil descobriu no vazio a possibilidade da vida existir. Ou seja, no vazio das coisas, o movimento se estabelece como um preenchimento do vazio. Isso pode ser identificado, por exemplo, no movimento do capoeira, no drible do futebol, na ocupação do espaço etc. Podemos compreender esse preenchimento dos espaços vazios também como uma noção de sentido, como uma compreensão de ser sobre aquele objeto. Essa compreensão, trazida através de uma prática, cabe aos saberes populares.

O que percebemos é um avanço na documentação, no registro desses saberes, de forma a construir um conhecimento que, segundo Nascimento (2019), tem que ser nomeado, tem de ser falado, tem de ser transmitido. Assim como é necessária essa iniciativa e continuidade epistêmica, tais filosofias, que também são formas de compreender políticas e éticas sobre uma sociedade, não dependente de uma outra filosofia, principalmente a do colonizador. Obras como as usadas aqui, seja por Luiz Rufino, Luiz Antônio Simas, Abdias Nascimento, Muniz Sodré, entre outros aqui citados, são construções de uma sabedoria popular brasileira, que como afirma Ailton Krenak e Davi Kopenawa (2021), não fazem do Brasil ainda uma nação, mas são parte de uma composição complexa a qual o Brasil se desdobra e se compõe.

Resultados

Concluímos que a Ciência da Informação, nesse sentido, tem papel interessante na pesquisa sobre esse tipo de prática e de reflexão científica, no que tange uma espécie de ação analítica sobre como o controle sobre da informação talvez não seja a única resposta para compreendermos um futuro da sociedade. Isso porque a noção de documentar um conhecimento, assim como preservá-lo, faz com que ele se faça presente no debate sobre uma sociedade. As hipóteses aqui trazidas são vias destas tentativas.

A Ciência da Informação, até pelo seu caráter interdisciplinar (Borko, 1968) faz com que possamos vê-la não como uma ciência dura, como podemos perceber em outras disciplinas, tal como a própria filosofia e a ética, mas sim como um campo de inter-relações, as quais possibilitam a mesma trazer para perto um objeto de pesquisa e desdobrá-lo, como um mosaico de possibilidades de análise científica. Esse trabalho se fez possível nessa perspectiva.

O que podemos constatar na questão da questão da ética como uma base de reflexão e debate filosófico, foi uma ausência de aplicação maior sobre as próprias demandas da sociedade brasileira, frente a sua formação histórica e cultural, devido principalmente a sua experiência de colônia. Visto isso, esse trabalho propõe não somente uma reflexão ética e política dos fluxos de informação e do comportamento nessa sociedade, tendo como ponto de inflexão os conceitos ligados à sociedade.

Junto a isso, se faz presente também uma proposta de analisar uma possível filosofia popular brasileira, que surge destas experiências, e que vem sendo objeto de pesquisa por parte de educadores, historiadores e filósofos brasileiros, mais precisamente da região metropolitana do Rio de Janeiro. Esse tipo de pensamento flerta bastante com a construção da figura boêmia carioca, mais precisamente do malandro, por razão do jogo de corpo que apresenta na sua forma de se expor.

O uso desse tipo de figura, o capoeira, como uma analogia metafórica sobre a maneira como o Brasil poderia lidar com a reflexão ética e política sobre a construção de sua sociedade, não é de fato uma novidade. Não trazemos esse exemplo como um ato de originalidade temporal. Mas percebemos uma crescente desse tipo de reflexão, ou mesmo um retorno a essa estratégia de pensamento, frente a sua associação com a sociedade de conhecimento. Essa fresta promovida por esse tipo de momento histórico possibilita tal iniciativa dos pensadores brasileiros.

Caetano Veloso na música *Jeito de Corpo* (1981), ao iniciar a canção, menciona que "Eu 'to fazendo saber/ Vou saber fazer tudo de que eu sou a fins". Essa mensagem do compositor baiano é uma síntese do que procuramos revelar nesse trabalho, que buscou apresentar as propostas de sabedoria popular que, através de trabalhos científicos, publicações de livros, palestras etc, vem sendo produzida no território brasileiro. Utilizamos a capoeira como um recurso imagético, característico do Brasil e que vem de herança da diáspora africana.

O uso da corporeidade não é à toa neste trabalho, uma vez que o corpo é tratado, ao longo da história, como um campo pertencente ao movimento das emoções, dos instintos, ou seja, um objeto de controle das ações e das narrativas populares. Domar um corpo, masculino ou feminino, é promover a este limites de espaço. Mestre Pastinha, uma das principais vertentes da Capoeira Angola praticada no Estado da Bahia, dizia em seu *Caderno Alba*, um manuscrito de filosofia popular, o seguinte: "Amigos o corpo é um grande sistema de razão, por detrás de nossos pensamentos acha-se um senhor poderoso, um sábio desconhecido." (Decanio Filho, 1997).

Podemos dizer que o que antes era desconhecido, segundo Mestre Pastinha, vem ganhando corpo enquanto pensamento, ação, conhecimento disseminado, e que é capaz de mudar sociedades. Da mesma forma como se aproveitou das frestas deixadas pela sociedade do conhecimento, a

sabedoria popular é um recurso, senão uma interessante via, de se compreender melhor um Brasil que se manteve nas frestas, por tempo demais.

Sobre o autor

Vitor Serejo é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UFF), onde pesquisa os arquivos pessoais de escritores. Tem experiência na disciplina Ética e Informação, que lecionou anteriormente. Ele se interessa por outros temas, como estudos de arquivo, produtores de arquivos, literatura, heteronomia e autoficção. Pode ser contactado através do endereço vitorserejo@id.uff.br

Referências

- Agamben, Giorgio. (2005). O que é um dispositivo? *Outra travessia*, n. 5, p. 9-16
- Althusser, Louis. (1985). *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, v. 2
- Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. (1991). In: *Os Pensadores*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo: Abril Cultural.
- Aulete, Caldas. (2011). *Novíssimo Aulete Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*; organizador Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon.
- Beiguelman, Giselle. (2021). *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. Ubu Editora.
- Benjamin, Walter. (1994). Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- BORKO, Harold. (1968). Ciência da Informação: o que é isto. *American Documentation*, v. 19, n. 1, p. 3-5.
- Bordieu, Pierre. (2018). *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*/ editado por Michael Grenfell; tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BRIET, Suzanne. (2016). *O que é a documentação?*. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- Caetano Veloso. (1981) *Jeito de corpo*: Universal Music Group..
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3siR1bK7Gws> Acesso em: 26 jun. 2024
- Carneiro, Edison. (2008). *A sabedoria popular*. São Paulo, Martins Fontes, 180 pp.
- Capurro, Rafael; Hjørland, Birger. (2007) O conceito de informação. *Perspectivas em ciência da informação*, v. 12, p. 148-207.
- Debord, Guy. (1997). *A sociedade dos espetáculos*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Decanio Filho, Angelo. (1997) *Manuscritos e desenhos de Mestre Pastinha: A herança de Pastinha*. Salvador: o autor. 2ª ed.
- Deleuze, Gilles. (1992). Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle. In: *Conversações: 1972-1990*. São Paulo: Editora 34. p. 219-226.

- Garcez, DC; Sales, R. (2021). Descolonizando a organização do conhecimento. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 14.,
- Juvêncio, Carlos Henrique. (2021). Arquitetura das ideias: Paul Otlet, o objeto, o livro e o documento. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 26, p. 01-17.
- Lyotard, Jean-François. (2021). *A condição pós-moderna*; tradução Ricardo Corrêa Barbosa. 20^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Marcondes, Danilo. (2005). *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 9^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Mattelart, Armand. (2006). *História da sociedade da informação*. 2^a ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Mattelart, Armand. (2005). Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. *Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura*, v. 1-22.
- Nascimento, Abdias. (2020). *O quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Otlet, Paul. (2018). *Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos / Livros.
- Pollak, Michael. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15.
- Radio Companhia. (2021).. Ailton Krenak e Davi Kopenawa - O encontro. 7 nov. de 2021. Podcast Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/6268/radio-companhia-166-ilton-krenak-e-davi-kopenawa-o-encontro> Acesso em: 26 jun. 2024.
- Rosa, Allan da. (2013). *Pedagoginga, autonomia e mocambagem*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Rufino, Luiz. (2019). *O que pode Elegbara? Filosofias do corpo e sabedorias de fresta*. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, v. 10, p. 65-82.
- Rufino, Luiz. (2023). *Ponta-Cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Simas, Luiz Antonio. (2021). *Maracanã: quando a cidade era terreiro*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Simas, Luiz Antônio. (2024). *Umbandas: uma história do Brasil*. 9^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Sodré, Muniz. (1988). *A verdade seduzida*, 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- Zuboff, Shoshana. (2021). *A era do capitalismo de vigilância*. Editora Intrínseca, 2021.

© [CC-BY-NC 4.0](#) The Author(s). For more information, see our [Open Access Policy](#).